

GENE WOLFE



A SOMBRA

DO

TORTURADOR

O LIVRO DO NOVO SOL VOLUME 1

AMOSTRA

AMOSTRA

GENE WOLFE

**A SOMBRA
DO
TORTURADOR**

O LIVRO DO NOVO SOL VOLUME 1

Tradução
Fábio Fernandes



MORROBRANCO
EDITORA

A Sombra do Torturador

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 1980 GENE WOLFE

ISBN: 978-65-6099-026-5

Translated from original The Shadow of the Torturer. Copyright © 1980 by Gene Wolfe. ISBN 978-1-4299-6627-6. This translation is published and sold by arrangement with Virginia Kidd Agency Inc, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Morro Branco. Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

W836s

1.ed. Wolfe, Gene, 1931-2019

A sombra do torturador / Gene Wolfe ; tradução

Fábio Fernandes. – 1.ed. – Rio de Janeiro :

Morro Branco, 2025.

352 p. ; 13,5 x 21 cm.

ISBN 978-65-6099-026-5

1. Ficção científica norte-americana.

I. Fernandes, Fábio. II. Título.

12-2024/89

CDD 813.0876

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura norte-americana
813.0876

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illysbelle Trajano

Produtora Editorial: Luana Maura

Tradução & Paratexto: Fábio Fernandes

Copidesque: Bonie Santos

Revisão: Ana Clara Mattoso

Diagramação: Diego Santos



A SOMBRA DO TORTURADOR

MIL ERAS AOS TEUS OLHOS
SÃO COMO UMA TARDE QUE PASSOU;
DA VIGÍLIA DA NOITE, OS RESTOS
ANTES DO SOL QUE NASCE.

SUMÁRIO

GENE WOLFE:

- UMA SOMBRA PASSOU POR AQUI 8
- I. RESSURREIÇÃO E MORTE 19
- II. SEVERIAN 30
- III. A FACE DO AUTARCA 40
- IV. TRISKELE 50
- V. O LIMPADOR DE
QUADROS E OUTROS 61
- VI. O MESTRE DOS CURADORES 70
- VII. A TRAIORA 84
- VIII. O CONVERSADOR 97
- IX. A CASA AZUL-CELESTE 106
- X. O ANO PASSADO 115
- XI. O BANQUETE 125
- XII. O TRAIOR 133
- XIII. O LICTOR DE THRAX 143
- XIV. TERMINUS EST 152
- XV. BALDANDERS 161
- XVI. O BELCHIOR 172
- XVII. O DESAFIO 181
- XVIII. A DESTRUIÇÃO DO ALTAR 189

XIX. O JARDIM BOTÂNICO	199
XX. OS ESPELHOS DO PADRE INIRE	209
XXI. A CABANA NA SELVA	218
XXII. DORCAS	227
XXIII. HILDEGRIN	235
XXIV. A FLOR DA DISSOLUÇÃO	245
XXV. A ESTALAGEM DOS AMORES PERDIDOS	254
XXVI. SENNET	264
XXVII. ELE ESTÁ MORTO?	272
XXVIII. CARNIFEX	279
XXIX. ÁGILUS	288
XXX. NOITE	296
XXXI. A SOMBRA DO TORTURADOR	304
XXXII. A PEÇA	312
XXXIII. CINCO PERNAS	323
XXXIV. MANHÃ	330
XXXV. HETHOR	337
APÊNDICE	
NOTA SOBRE A TRADUÇÃO PARA O INGLÊS	349
SOBRE O AUTOR	350

GENE WOLFE:

UMA SOMBRA PASSOU POR AQUI

Fábio Fernandes

Conta Josué Montello em seu *Pequeno Anedotário da Academia Brasileira* que, certo dia do século XIX, sentado a um canto da redação da *Revista Brasileira*, o Visconde de Taunay, autor de *Inocência*, lia absorto um livro (cujo título não se sabe) quando Machado de Assis, que havia acabado de chegar, foi cumprimentá-lo. “Que está lendo?”, perguntou Machado. Taunay lhe mostrou o livro, ao que Machado franziu a testa em sinal de desaprovação. “Não gosta?”, perguntou o Visconde. E Machado respondeu: “Detesto o escritor que me diz tudo.”

Machado teria gostado dos livros de Gene Wolfe. Apesar da grande distância no tempo que separa os dois escritores — Machado faleceu em 1908 e Wolfe só nasceria em 1931 — ambos gostavam do estudo da história da humanidade e da mitologia, que figuram ao longo de suas obras, e escreveram narrativas que não diziam tudo ao leitor.

Ambos escreveram literatura fantástica: o brasileiro Machado, com diversos contos como *Uma Visita de Alcibíades*, em que o protagonista recebe o fantasma do velho general ateniense, e o clássico *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, romance cujo protagonista-narrador está morto. Já o estadunidense Gene Wolfe é um especialista em escrever narrativas de memórias, embora não exatamente póstumas. Em *Peace*, um de seus primeiros romances, o protagonista conta sua biografia, cercado de fantasmas do passado, a tal ponto que não sabemos direito se ele (assim como o defunto autor de Machado) está morto ou não. Em *The Fifth Head of Cerberus*, um livro composto por três novelas interligadas, a coisa é ainda mais complexa: um dos personagens conta a história dos nativos de um planeta colonizado por humanos que têm a estranha habilidade de assumir a forma que quiserem. Na terceira história, já não sabemos se o narrador é um colono da Terra, ou se ele é um nativo que assumiu a forma

de um humano há tanto tempo que já se esqueceu de quem realmente era, e acredita ser um terráqueo.

O livro que você tem em mãos, *A Sombra do Torturador*, apresenta outro narrador não confiável: Severian, um jovem órfão adotado pela Guilda dos Buscadores da Verdade e da Penitência e treinado para ser um torturador. Não sabemos em que ano a história se passa, mas somos informados de que, apesar do cenário de aparência medieval, estamos num futuro distante, provavelmente um milhão de anos à nossa frente. A Terra é um mundo que, social e politicamente, se reverteu a uma condição mais “primitiva”, embora os soldados possuam armas de raios e alienígenas (ou melhor dizendo, cacogênicos; depois você entenderá o porquê dessa palavra) caminhem entre os humanos. Nosso planeta teria sido o centro de um grandioso império galáctico e se deteriorado a ponto de mal conseguir reger a si próprio, através da figura misteriosa do Autarca, líder supremo da Terra, ele próprio aparentemente subordinado a forças extraterrestres além da nossa compreensão.

Nesse cenário quase surreal, acompanhamos Severian, desde um episódio de sua adolescência, quando ele salva da morte o rebelde Vodalus, uma espécie de Robin Hood do futuro a quem ele admira e acaba por prestar obediência, até algum tempo mais tarde, quando se envolve com a cortesã Thecla, presa não se sabe por que motivo e que deve ser torturada por ele. É depois de se apaixonar por ela e cometer um ato proibido para os membros de sua guilda (calma, não darei spoilers aqui) que Severian é mandado para fora da Cidadela a fim de se tornar um carrasco na cidade de Thrax.

Começam então as aventuras do jovem torturador nesse mundo fantástico, onde ele encontrará saltimbancos charlatães, mutantes, belas e estranhas mulheres e um artefato de enorme poder, a Garra do Conciliador.

Mas o maior poder de Severian é a sua memória prodigiosa. Segundo o próprio aprendiz de torturador, ele carrega o fardo de se lembrar de absolutamente tudo em sua vida — o que rapidamente se prova não ser verdade, pois em poucas páginas ele

já deixa claro que sua memória pode até ser muito boa, mas ele não se lembra de tudo. Severian, portanto, é o que na literatura chamamos de *narrador não confiável*.

O começo do livro já nos diz que ele não sabe tanto quanto dá a entender. A primeira frase do romance é tão agourenta quanto o início de outras grandes histórias sobre memória e nostalgia, como *Cem Anos de Solidão* e *Crônica de uma Morte Anunciada*, ambas de Gabriel García Márquez:

“É possível que eu já tivesse algum pressentimento do meu futuro.”

Parece uma frase simples, boba, quem sabe, mas rapidamente percebemos que ela contém até mesmo um pouco de ironia, pois quem nos escreve é um Severian já velho e cansado, recordando suas muitas aventuras.

Não é fácil classificar a obra de Wolfe. Talvez seja mais importante ressaltar que seus livros têm como tema geral a memória — e seu oposto, o esquecimento. Em *Soldier of the Mist*, o personagem Latro, um soldado grego da Antiguidade, é o oposto exato de Severian, um homem que perdeu a memória e não se lembra de absolutamente nada que lhe aconteceu antes, durante sua vida inteira. Memória e esquecimento andam de mãos dadas nos livros de Wolfe. A Sombra do Torturador trata, o tempo todo, desses dois polos.

E, no entanto, o livro não tem nada de cansativo ou chato. A escrita de Wolfe é tão envolvente que nos sentimos compelidos a continuar lendo, nem que seja para tentar pegar o protagonista na mentira.

O que também se prova muito difícil: afinal, se é uma história ambientada no futuro, como saber o que é ou não verdade em tudo o que ele nos conta? Primeiro, o futuro no qual se passa o livro é tão longínquo que aparentemente nada se sabe a respeito de nossa época. Existem referências a dois santos da Igreja Católica, Santa Catarina e Santo Amândio. A primeira é a padroeira da guilda de Severian, e em sua festa, descrita no capítulo XI, o leitor é apresentado a uma parte da história real

da santa, nascida em Alexandria em 287 d.C. e executada em 305, depois de sofrer torturas após tentar converter o imperador romano Maximino, que perseguia os cristãos.

Mas a descrição da história de Catarina no livro só abarca sua tortura e morte: curiosamente, não há nenhuma referência a Jesus Cristo. Nem nessa passagem, como, aliás, em momento nenhum do livro, nem direta, nem indiretamente. O poder superior mencionado é o Incrariado. Aparentemente (e neste livro, tudo é aparência), a figura cristã foi esquecida na poeira do tempo, bem como as viagens espaciais, embora Severian e seus amigos saibam muito bem o que é uma nave espacial, além de alguns artefatos de alta tecnologia, e também conheçam o conceito de viagem entre as estrelas.

Gene Wolfe teve uma vida que, pelo menos no começo, foi quase tão atribulada (e talvez estranha para nós, brasileiros do século 21) quanto a de seu personagem mais famoso. Nascido em Nova York no começo da Grande Depressão, se mudou com a família para o Texas aos seis anos. Enquanto cursava a universidade, publicou seu primeiro conto de ficção especulativa numa revista literária estudantil, e nesse período chegou a trocar cartas com ninguém menos que J. R. R. Tolkien, autor de *O Senhor dos Anéis*. Interrompeu a faculdade e se alistou voluntariamente para lutar na Guerra da Coreia. Ao retornar, terminou o curso de engenharia industrial e se casou com Rosemary, amor da sua vida, com quem teve quatro filhos. Foi editor sênior da revista *Plant Engineering* por anos, mas ficou mais famoso por uma coisa que nada tem a ver com literatura: é graças a uma máquina desenvolvida por ele que a empresa Pringles conseguiu fazer suas famosas batatas chips onduladas.

Nada disso afetou o ego de Wolfe. Assim que começou a ganhar dinheiro com a literatura, largou a engenharia sem pensar duas vezes para se dedicar de corpo e alma à escrita de ficção.

E compensou: numa carreira de seis décadas, Gene Wolfe escreveu nada menos que trinta e três romances e dezesseis coletâneas de contos, pelos quais ganhou uma série de prêmios. Todos os livros da série do *Novo Sol* foram agraciados com

algum louro. *A Sombra do Torturador*, publicado originalmente em 1980, ganhou o *British Science Fiction Award* e o *World Fantasy Award*, dois dos mais importantes prêmios do gênero. O crítico John Clute, criador e editor da *Encyclopedia of Science Fiction*, disse o seguinte a respeito de Wolfe, em 2021: “Embora não seja o autor mais popular nem o mais influente no campo da FC, Gene Wolfe é hoje, possivelmente, o mais importante. A estatura inerente ao seu trabalho é profundamente impressionante e ele veste os mundos ficcionais da ficção científica como um casaco de muitas cores.”

Uma dessas cores era a religião. Uma curiosidade é que Wolfe era um católico praticante, e muitas de suas obras contêm elementos místicos cristãos. Mas se engana quem pensa que ele era um proselitista: Wolfe não queria converter ninguém. Sua escrita trazia elementos mais mitológicos, e no sentido dos grandes místicos católicos, como Santa Teresa D’Ávila ou São João da Cruz, e também elementos literários, como no conto *The Detective of Dreams*, inspirado no detetive C. Auguste Dupin, de Edgar Allan Poe, com o adicional de conter uma forte carga visual cristã e um final surpreendente, ainda que anticlimático. Contudo, o cristianismo aí age mais como inspiração literária do que como forma de convencimento do leitor.

O Livro do Novo Sol também está repleto dessas imagens. A própria expressão Novo Sol se refere a Jesus Cristo na Bíblia, em passagens do Evangelho de João e de Malaquias. Entretanto, nesse estranho mundo do futuro muito distante vislumbrado por Wolfe, não é mais a figura de Cristo que é lembrada — e sim o que ele representa. Mais ou menos como o leão Aslan nas crônicas de Nárnia, que C. S. Lewis, outro católico praticante, insere na narrativa como uma representação crística, quase uma reencarnação.

Mas Wolfe é muito mais críptico do que crístico: o que se vê nos livros da série do *Novo Sol* são alusões a uma figura potente que trará a ressurreição não às almas, mas a todo um planeta moribundo, fazendo com que o sol da Terra (que, nesse momento, um milhão de anos distante no futuro, é uma gigante

vermelha, logo, uma estrela com menos potência do que sua versão amarela de nossa época) volte a ser o que era antes, ou seja, um sol amarelo, fonte de luz e energia, e, portanto, de renovação. Essa figura, que Severian relata de modo meio velado ao longo do livro, seria o próprio Autarca, que seria julgado por um tribunal alienígena e, se considerado digno, ganharia o poder de despertar o sol novamente.

É preciso explicar ainda que Severian nos conta essa história de um futuro mais distante ainda, no qual — ao que tudo indica, embora não com certeza — o jovem torturador cresceu e se tornou, ele próprio, o Autarca. Isso tudo vai sendo explicado de modo explícito ao longo dos cinco volumes da série: os quatro propriamente ditos e um volume extra que fornece explicações finais e serve como um encerramento adequado à saga, *The Urth of the New Sun*.

Portanto, *A Sombra do Torturador* não vai explicar toda a jornada, mas apenas o suficiente para atrair você, leitora, leitor, a seguir junto com Severian em suas aventuras. O que não é explicitado pode muito bem ser imaginado, mas não é fundamental para se entender a ação. Até porque, como mencionado mais acima, Severian não é um narrador confiável, e não sabemos até que ponto tudo o que ele nos conta é verdade.

Contudo, em várias entrevistas ao longo da vida, Wolfe fez questão de explicar algumas coisas que lhe pareciam mais importantes. Por exemplo, numa entrevista concedida ao escritor Lawrence Person, em 2009, ele deixa muito claro que Severian não é uma representação de Cristo: “Ele é uma figura cristã, o que é diferente. Ele está tentando se tornar semelhante a Cristo. Ele é, basicamente, o que quase todos nós, que somos homens, somos; ele é um homem mau tentando ser bom. Ele progride à medida que os livros progridem. Ele se torna uma pessoa melhor e uma pessoa maior no sentido espiritual. Mas não, ele não é uma figura de Cristo. Pelo menos ele nunca foi para mim.”

Com relação ao grande panorama da literatura fantástica, a série *O Livro do Novo Sol* pertence a uma subcategoria muito específica, pouco comentada no Brasil, chamada *Dying*

Earth — literalmente, Terra Moribunda. Esse subgênero, que trata justamente de histórias num futuro muito distante onde o sol está morrendo e com ele também a Terra, nasceu ainda no começo da ficção científica, em contos como *The World of the Red Sun*, de Clifford D. Simak, publicado em dezembro de 1931 na revista *Wonder Stories*. Mas também poderíamos dizer, sem muito problema, que uma possível origem estaria ainda mais longe, no final de *A Máquina do Tempo*, de H. G. Wells, publicado em 1895. Quando o Viajante de Wells deixa o futuro do ano de 802.701 dos Eloi e Morlock para avançar milhões de anos e descobrir uma Terra quase morta sob um sol vermelho. Para os fãs de gênero, as histórias de *Dying Earth* são mais conhecidas pelas obras de Jack Vance, escritas entre as décadas de 1950 e 1980.

Nessa série, a lua desapareceu e o sol corre o risco de se apagar a qualquer momento, muitas vezes piscando como se estivesse prestes a apagar-se, antes de voltar a brilhar. As várias civilizações da Terra entraram em colapso, sendo dominadas pelo fanatismo religioso, e o planeta é quase todo árido e frio, infestado por monstros predadores que teriam sido criados por um mago em uma época anterior. Na mesma entrevista a Lawrence Person, Wolfe confirma que Vance e suas histórias da Terra moribunda foram uma grande inspiração para a saga do torturador Severian. A série de Vance, entretanto, apresenta mais elementos de magia do que de ficção científica, e isso inexistente na série de Wolfe.

O mais interessante em *A Sombra do Torturador* e nos demais livros da série talvez seja o estranhamento que o texto de Wolfe provoca. Como o narrador é um homem do futuro distante, é natural que o leitor espere neologismos, ou seja, palavras novas, termos inventados para dar conta de um cenário inteiramente diferente do nosso. Mas aí é que está a genialidade de Wolfe: não existe uma só palavra inventada em toda a série do *Novo Sol*. Ao invés disso, ele optou por *arcaísmos*, ou seja, o oposto exato de neologismos: como a sociedade dos tempos de Severian reverteu a um ponto que poderíamos chamar de

medieval (como, além de Jack Vance, outros autores mais recentes por ele inspirados, como Brandon Sanderson em *Mistborn*), nada mais lógico do que usar palavras de tempos idos.

Mas Wolfe fez questão de não deixar nenhum glossário explicativo: seu desejo era que os leitores experimentassem um certo estranhamento, como se estivessem realmente percorrendo um mundo estranho ao lado do protagonista — mas a personagem não se sentiria obrigada a explicar nada para o viajante, como se ele ou ela pertencessem ao mesmo mundo. É este estranhamento, que talvez o nosso Machado de Assis apreciaria, que constitui uma das principais características do que chamamos ficção científica. *O Livro do Novo Sol*, portanto, é uma série de FC (ou *scifi*, como preferirem), com uma capa de fantasia medieval.

O mundo criado por Gene Wolfe não se parece com o nosso em nada, e pelo menos duas imagens nos ganham logo no começo da narrativa pelo seu impacto de estranhamento: a torre dos torturadores, que fica dentro de uma antiquíssima nave espacial sem que a maioria de seus habitantes se dê conta disso (Severian parece saber que a torre teria sido outrora uma nave, mas não se interessa por isso porque já faz muito tempo desde que ela foi usada, pela última vez, como tal), e a lua, que é verde: Severian menciona até mesmo que ela tem ar respirável e que pessoas moram lá como quem mora na Terra. Isso poderia parecer magia, mas para todo fã atento de ficção científica significa outra coisa: que o satélite natural do nosso planeta foi terraformado, isto é, transformado num ecossistema adequado para os seres humanos da Terra. Mas isso nunca é explicado. Wolfe nunca dá aos leitores algo fácil.

O que não quer dizer que ele não seja generoso para com os leitores. No final deste volume, vocês vão ter a oportunidade de ler um pequeno apêndice onde ele explica o motivo de usar arcaísmos, e a explicação por si só é um primor de narrativa metaficcional.

A tradução de *A Sombra do Torturador* também não foi fácil, mas foi bastante prazerosa. Entrei em contato com a obra de